

Um estudo do Prof. Dr. Abel Salazar

Sobre a Construção Psicológica da Metafísica

(continuação)

Pôsto isto, encaremos a Metafísica sob o ponto de vista especial dos seus processos psicológicos construtivos, isto é, pondo de lado o ponto de vista lógico propriamente dito.

A Metafísica gira em volta do conceito de Ser Absoluto, Uno, Perfeito, Infinito, Criador, etc.: de Parmenides aos metafísicos contemporâneos, é o Sêr e o Não-Sêr, que polariza a Metafísica.

Examinemos a questão por partes; seja o conceito de *livre* em absoluto, livre arbítrio, liberdade absoluta.

Sabemos que um homem fechado num quarto, e de braços atados, é menos livre que um outro igualmente fechado, mas livre, nesse quarto. Mais livre será se, em vez de fechado no quarto, puder circular pela casa, e mais livre ainda se puder girar no quintal. Será mais livre ainda se puder girar pela cidade e mais ainda no campo. Mais livre ainda será tendo no bolso dinheiro, do que sem êle; e, com dinheiro, se tiver maior resistência, mais saúde. Mais livre seria se tivesse azas, e mais ainda se além de azas tivesse guelras. Assim a sua liberdade vai aumentando à medida que diminuem as condições que limitam as suas possibilidades. Nada nos impede de, agora, ir diminuindo progressivamente estas condições, e de passar ao limite, suprimindo-as todas, o que nos conduz a uma liberdade absoluta. Mas esta passagem ao limite é aqui puramente fictícia; faz-se pela aplicação dos mesmos processos mentais que acima vimos, e esbarra-se nas mesmas dificuldades. O fluxo infindo da repetição não pode ser exgotado, e o limite jamais será atingido. E não temos aqui, como em matemática, a via

indirecta que nos permite a passagem ao limite; não sabemos aqui sequer demonstrar que tal limite existe, nem defini-lo, como no caso de integral. Tudo fica na vaga indecisão de um nome simbolizando uma realização que não foi, em verdade, realizada. A operação mental do fluir infindo foi suspensa e actualizada simbólicamente um com nome, um conceito, um símbolo; êste símbolo exprime a passagem ao limite, mas tal passagem não se fez; foi apenas ficticiamente realizada por um salto cego do fluxo infindo ao limite. O fluxo infindo é aqui o [menos condicionado → menos condicionado → ...] ou o [mais livre → mais livre → ...]. O número de condições é suposto indeterminado; depois salta-se dêste número indeterminado para o limite suprimindo as condições: atinge-se assim o incondicionado, e portanto o livre absoluto. Por maior que seja o número de condições, o processo do fluxo infindo permite sempre ultrapassá-las: assim é suposto o salto fora delas; mas para isso seria necessário sabermos se o número de tais condições é finito. Supondo-as, por hipótese contrária, em número infinito, já o fluxo infindo as não pode ultrapassar e a passagem ao limite impossível. O conceito de livre supõe assim uma hipótese que nada pode confirmar; porque não podemos exgotar experimentalmente o número de condições.

E' assim que os paladinos do «livre arbítrio» se apoiam com fervor nos casos em que êste condicionalismo é física ou mecânicamente reduzido a zero. A translacção do ponto material perpendicular às linhas de força, seguindo uma linha equipotencial, não exige trabalho; «por isso mui-